3

Dialogando com Torres Queiruga: pontos iluminadores para a práxis antimal

Obviamente a visão de Torres Queiruga a respeito do tema não é a única. Um assunto tão instigante e que mexe com as inquietações mais íntimas do coração humano só pode gerar grandes debates e acaloradas discussões. Sobretudo, se considerarmos a superação da visão estritamente mítica (pelo menos nos espaços acadêmicos) trazida pela modernidade, quebrando o universo simbólico (quase) unânime dentro do qual a questão do mal vinha sendo tratada ao longo dos últimos séculos.

Sem pretensão de esgotar o tema, queremos neste terceiro capítulo trazer algumas outras contribuições a respeito do mesmo, sobretudo daquelas fontes que entram em diálogo direto com a teologia de Torres Queiruga ou até mesmo em confronto. Por fim, passando a teologia do nosso autor pelo filtro da crítica, pretendemos situar a sua reflexão dentro da tradição eclesial, concluindo com a verificação das contribuições que ela pode trazer concretamente para a práxis antimal.

3.1.

A visão de outros autores a respeito do tema

Apresentaremos o diálogo de três autores com a obra de Torres Queiruga que servirão para o aprofundamento do debate com o teólogo por nós estudado. Depois iremos apresentar algumas pesquisas recentes sobre a sua obra no espaço acadêmico brasileiro.

3.1.1.

Néstor Martínéz

Apesar de não ser um teólogo, mas um filósofo de formação, que mantém juntamente com um grupo de teólogos uruguaios, leigos e ordenados,

uma página na internet onde pretende discutir questões ligadas ao diálogo entre fé e razão³²⁰, citamos este autor por ter sido referido pelo próprio Torres Queiruga como sendo o primeiro que, na sua visão, o acusou de maniqueísmo, não sendo, porém, o único³²¹.

O maniqueísmo, uma corrente heterodoxa fundada na Pérsia por Mani (+ 277), preconizava a existência de dois princípios eternos, um bom e outro mal. Tratava-se, portanto, de uma corrente que tentava explicar a existência do mal no mundo através de um dualismo radical³²². E esse dualismo tendia a ver a matéria como fruto do princípio mal, acarretando assim uma visão negativa da criação. Agostinho, que em um dado momento da sua vida foi seduzido por esta doutrina, após a sua conversão, dedicou-se a combatê-la, afirmando que só existe um fundamento para a criação que é o Deus que cria do nada, que sendo o Bem supremo, só pode criar coisas boas³²³.

Martínez vê Torres Queiruga como maniqueu por entender que este, na sua teologia, afirma que a natureza criada e finita é má³²⁴. Ele afirma que o núcleo do pensamento do autor está em identificar uma ligação necessária entre imperfeição e mal, já que a finitude implica imperfeição, e logo, o mal.

O próprio Torres Queiruga se defende lembrando que tal afirmação nasce de uma má compreensão da sua tese. Ele lembra que é preciso fazer a distinção entre mal “inevitável” e “necessário”. Torres Queiruga nunca afirmou que o mal é necessário, mas sim, inevitável. Ele lembra ainda que há uma diferença enorme entre “causa” e “condição de possibilidade”. Assim, a finitude não é causa do mal: isso, sim seria maniqueísmo. A finitude é “condição de possibilidade” para o seu aparecimento. Além disso, vale lembrar que ao contrário do que afirma Martínez, Queiruga nunca disse que o mundo é mal, e sim, que ele é limitadamente bom, razão pela qual vale a pena a sua existência, apesar do seu caráter necessariamente finito.

³²⁰ Disponível em: <www.feyrazon.org>. Acesso em: 30 jun. 2010.

³²¹ Cf. QUEIRUGA, A. T., *Repensar o Mal: da poneroloxía á teodicea*, p. 54. Ver nota de rodapé.

³²² Cf. SATTLER, D.; SCHNEIDER, T., Doutrina da Criação. Separata de: *Manual de Dogmática*, Volume I, p. 165.

³²³ Cf. SPANNEUT, M., *Os Padres da Igreja: Volume II*, pp. 211-214.

³²⁴ Cf. MARTÍNEZ, N., El retorno del maniqueísmo em la teología de Andrés Torres Queiruga. Disponível em: <www.feyrazon.org>. Acesso em: 30 jun. 2010.

3.1.2.

Juan Luis Ruiz de la Peña

O autor é citado por Torres Queiruga em “Creio em Deus Pai” como um adepto da “renúncia à razão”³²⁵, ou seja, como alguém que não admite uma explicação racional para a existência do mal. Dentro dessa insistência de Queiruga em favor de uma reflexão que seja racionalmente factível, ainda que não tenha a pretensão de esgotar o mistério divino, ele diz não poder concordar com a tese deste autor que sugere ficar apenas com “a experiência da fé”³²⁶. Ao fazer isso, Queiruga faz menção a uma importante obra de Ruiz de la Peña onde ele apresenta a sua Teologia da Criação e na qual ele dedica um capítulo inteiro ao problema do mal³²⁷. Nesta obra, de la Peña declara não ser tarefa da teologia tentar explicar o mal, em primeiro lugar, por se tratar de uma tarefa presunçosa, e depois, porque outras áreas do saber, tais como as ciências humanas, teriam muito mais a dizer neste campo³²⁸.

Assim, para Ruiz de la Peña a tarefa da teologia seria apenas “mostrar que a fé é compatível com a percepção e o sofrimento do mal”³²⁹. E essa compatibilidade é demonstrada no fato de que em Jesus de Nazaré, Deus se revela como alguém que sofre conosco. E, além disso, como alguém que “o vence assumindo-o solidariamente e transmutando-o em semente de ressurreição”³³⁰.

Sendo assim, ainda que a questão do mal seja uma questão insolúvel, um verdadeiro mistério, a fé em Cristo permite enfrentá-la de maneira mais esperançosa, crendo a partir de uma vitória definitiva garantida na ressurreição e vivendo numa atitude existencial de combate contra o mal experimentado³³¹. Dessa forma, ele parece se alinhar com aquilo que o próprio Queiruga chama de “via curta” da teodiceia, conforme já relatado no capítulo anterior, e que embora sendo legítima, torna-se insuficiente para as exigências da modernidade, visto que nesse caso a fé foge ao crivo da razão.

Mais a frente, veremos que De La Peña não é o único autor contemporâneo que desiste de uma resposta racional ao problema do mal e que passa a ver a reflexão teológica unicamente como um convite a uma práxis

³²⁵ QUEIRUGA, A. T., *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*, p. 125.

³²⁶ Ibid. Conferir especialmente a nota de rodapé n. 15.

³²⁷ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, J. L., *Teologia da Criação*, pp. 137-153.

³²⁸ Cf. Ibid., p. 138.

³²⁹ Ibid., p. 139.

³³⁰ Ibid., p. 152.

³³¹ Cf. Ibid.

fundamentada na esperança que brota da fé. Porém, não podemos deixar de mencionar outro texto do mesmo autor, onde o mesmo parece fazer uma reflexão que nos permite encontrar pontos de compatibilidade com a teodiceia de Queiruga, ainda que implicitamente.

Em um pequeno livro chamado “Criação, Graça, Salvação”, onde o autor resume sua visão dos principais conceitos da antropologia teológica já trabalhados mais extensamente em outras obras, De La Peña apresenta a salvação como sendo a “divinização” do ser humano, ou seja, o preenchimento da finitude humana pela infinitude divina, “fazendo explodir as barreiras de sua limitação”³³². Ele lembra que quando o ser humano pensa em felicidade, pensa na superação de toda a contingência da vida presente, isto porque o ser humano é criado finito, mas com a aspiração à infinitude. Afinal, como pode o ser humano pensar na superação das situações-limite que o impedem de ser plenamente feliz, senão no alcance de um patamar de vida onde ele transcenda a sua finitude constitutiva atingindo o nível sobre-humano?³³³

O autor lembra ainda que tal superação só é possível na graça de Cristo, visto que Jesus, sendo o Filho de Deus, assume concretamente uma vida solidária a nós, uma solidariedade redentora, que nos permite ser assumidos também como filhos de Deus, obviamente, filhos no Filho³³⁴.

A meu ver, não há como não enxergar nessa visão de Ruiz de La Peña a mesma constatação feita por Queiruga de que o mal, enquanto aquilo que impede o ser humano de viver uma vida plena, e portanto, salva, tem a sua condição de possibilidade na realidade da finitude. E também a de que a única possibilidade de sua superação reside na comunhão plena com o único infinito, Deus mesmo, o que só é possível em Jesus Cristo, aquele que une definitivamente Deus e o ser humano.

3.1.3.

Juan Antônio Estrada

Por fim, apresentamos a abordagem de outro autor espanhol que entra em diálogo direto com Torres Queiruga. Ele retoma as intuições já apresentadas por Ruiz de La Peña, aprofundando-as. Neste diálogo, este último autor apresenta a Torres Queiruga algumas críticas mais aprofundadas que tornam o debate

³³² RUIZ DE LA PEÑA, J. L., *Criação, Graça, Salvação*, p. 74. Texto já citado no capítulo 1.

³³³ Cf. *Ibid.*, p. 85.

³³⁴ Cf. *Ibid.*

bastante interessante. Por isso, vamos nos deter a esta crítica com um pouco mais de atenção e detalhes.

Sua intenção básica é demonstrar que o mal é o absurdo por excelência e que nenhum sistema racional irá conseguir enquadrá-lo em seus esquemas conceituais. Apesar de todo o esforço do pensamento ocidental neste sentido, trata-se de um trabalho inútil. Para demonstrar isso, o autor perpassa toda a história da filosofia e da teologia, tentando demonstrar como os diversos sistemas de sentido que tentam enquadrar o mal num esquema conceitual onde este entre em harmonia com a existência de Deus se tornam simplesmente insustentáveis³³⁵.

Por isso, Estrada volta-se contra a teodiceia de Torres Queiruga com especial virulência, já que este não está disposto a renunciar ao “esforço do conceito”. Apresenta-o como herdeiro do “enfoque leibniziano” colocando-o assim como um expoente da teodiceia racionalista. Após apresentar a teodiceia de Leibniz, analisa a reflexão de Torres Queiruga comparando-a com a obra deste renomado filósofo. Destaca que ele “parte de um princípio leibniziano que, no entanto, modifica: a finitude e a contingência são a condição de possibilidade do mal”³³⁶. Com isso, abre-se caminho para uma abordagem secular do problema, ou seja, a “ponerologia”³³⁷.

Estrada não deixa de destacar as diferenças e atualizações de Torres Queiruga em relação à reflexão de Leibniz. Lembra por exemplo que, embora acolhendo a classificação leibniziana do mal em metafísico, físico e moral, não aceita o mal metafísico como sendo um mal em si mesmo, mas apenas a condição de possibilidade para o surgimento do mal. Lembra ainda que “não se trata de justificar o mal recorrendo ao conjunto, ao fim ou à perfeição global, como faz Leibniz. O mal é inevitável, constitui o reverso da finitude e, portanto, dispensa justificação”³³⁸. Torres Queiruga abandona ainda a especulação a respeito “do melhor mundo possível”, próprio da reflexão leibniziana³³⁹.

Ainda assim, Estrada enxerga Torres Queiruga como herdeiro de Leibniz e faz a ele duras críticas. Começa dizendo que a constatação da existência do mal no mundo não permite a afirmação de que este é inevitável e muito menos “postular a existência de uma origem, causa ou princípio universal de todos os

³³⁵ Cf. ESTRADA, J. A., *A impossível teodiceia: a crise da fé em Deus e o problema do mal*.

³³⁶ Ibid., p. 229.

³³⁷ Já fizemos no capítulo anterior uma longa exposição sobre a “ponerologia”, enquanto abordagem secular do problema do mal.

³³⁸ Ibid., p. 232.

³³⁹ Cf. Ibid., p. 234.

males, e além disso, reivindicar que ela seja a finitude ou a contingência³⁴⁰. Segundo ele trata-se de uma especulação impossível de ser verificada ou invalidada.

Com isso, ele afirma que “não há inconsistência lógica na idéia de um mundo sem mal, e sua postulação não é equiparável a do círculo quadrado. Não se trata de duas afirmações comparáveis, pois uma diz respeito à ordem lógica e se baseia no princípio da não-contradição, ao passo que a outra se refere à realidade empírica, para interpretá-la especulativamente como um todo insuperável, e não pode ser demonstrada empírica ou logicamente³⁴¹”.

Além disso, Estrada questiona a existência de uma ponerologia neutra, visto que não existe o mal “em si mesmo”, mas sempre como uma experiência mediada pela cultura. Assim, toda ponerologia sempre será hermenêutica. Dessa forma, não é verdade que uma reflexão racional seja um avanço, pois a questão do mal será sempre uma questão existencial e por isso mesmo, impregnada pela problemática religiosa.

Estrada diz ainda que “do ponto de vista teológico, a formulação queiruguiana também é inaceitável. As tradições míticas e religiosas se referem a um princípio do mal externo e independente da obra da criação³⁴². O fato de que estas devam ser interpretadas para fugir a uma leitura fundamentalista não tira delas o seu papel, uma vez que nos remetem “a uma dimensão a que as análises racionais não têm acesso³⁴³. Assim, “a religião qual anseio e esperança de um mundo sem mal, surge exatamente porque este é injustificável e não se deixa racionalizar nem integrar em um sistema³⁴⁴”.

Estrada reconhece ainda que Torres Queiruga não rejeita a tradição que alimenta a esperança de uma superação do mal, através da categoria Reino de Deus. Com isso, Queiruga reconhece que um mundo criado e sem mal é possível, não sendo, portanto, uma incoerência. Assim, Estrada afirma que “Queiruga tenta justificar o retardo histórico na instauração do Reino (...) recorrendo a critérios pedagógicos divinos, bem na linha da funcionalização leibniziana³⁴⁵, que coloca o mal como elemento perfeitamente integrável dentro de um sistema harmônico maior. Dessa forma, critica o seu desprezo pelo grande custo que o atraso da configuração desse mundo sem mal traz para os seres humanos concretos.

³⁴⁰ ESTRADA, J. A., *A impossível teodiceia: a crise da fé em Deus e o problema do mal*, p. 235.

³⁴¹ Ibid.

³⁴² Ibid., p. 237.

³⁴³ Ibid.

³⁴⁴ Ibid.

³⁴⁵ Ibid.

Antes de concluir suas críticas, Estrada pergunta: “com base em que se pode apreender a totalidade do mal existente no mundo e reduzi-la a uma única origem?”³⁴⁶ Com este esforço racionalista, segundo Estrada, Torres Queiruga joga fora “tradições bem consolidadas e constantemente atualizadas no cristianismo. Ele não as reinterpreta, e, sim, as elimina, simplesmente porque não sabe o que fazer com elas, à luz de suas premissas sobre a inevitabilidade do mal em um mundo criado”³⁴⁷.

Com isso, concluindo, Juan Antônio Estrada proclama o fracasso do racionalismo de Torres Queiruga, visto que ele “não admite a impossibilidade de atribuir um sentido à história e de tudo integrar em um sistema racional”³⁴⁸, isso depois de acusar o autor analisado de tecer uma reflexão abstrata que se coloca distante da concretude das dores e dos absurdos das experiências humanas de sofrimento. Discordando da postura de Torres Queiruga de que, sendo sempre injustificável, não é possível falar de “gradações” do mal, Estrada pensa que há males mais suportáveis que outros, e há algumas experiências do mal que extrapolam a toda e qualquer tentativa de racionalização³⁴⁹. Nesse sentido, “o sistema de Torres Queiruga não é uma filosofia ‘pós-Auschwitz’”³⁵⁰, porque desconsidera o fato de que após o horror do holocausto, segundo ele, “tornou-se difícil recorrer à contingência do mundo e da liberdade para explicitar simplesmente o mal que ocorreu”³⁵¹.

3.1.3.1.

A resposta de Torres Queiruga

Surpreendentemente, a virulência da crítica de Juan Antônio Estrada não suscita uma resposta na mesma medida por parte do autor desafiado. Em termos diretos, ela praticamente se limita a uma nota de rodapé, num livro publicado logo após o texto de Estrada³⁵². Nesta, ele diz não se reconhecer na exposição apresentada a respeito de sua teologia, visto que Estrada não levou em conta a dupla dimensão pela qual ele trata o problema, ou seja, a ponerologia e a piteodiceia. Assim, a crítica de Estrada volta-se unicamente à ponerologia, razão pela qual ele afirma ser a teodiceia queiruguiana totalmente

³⁴⁶ ESTRADA, J. A., *A impossível teodiceia: a crise da fé em Deus e o problema do mal*, p. 240.

³⁴⁷ *Ibid.*, p. 242.

³⁴⁸ *Ibid.*

³⁴⁹ Cf. *Ibid.*, p. 241.

³⁵⁰ *Ibid.*, 242.

³⁵¹ *Ibid.*

³⁵² Cf. QUEIRUGA, A.T., *Fim do Cristianismo Pré-Moderno*, p.38.

sem referência à questão religiosa, já que esta o autor galego trata na pisteodiceia. Além disso, Queiruga rebate a afirmação de que a sua obra é abstrata, apelando para a concretude apaixonada com a qual tratou a questão desde a sua primeira obra a respeito, “Recuperar a Salvação”.

Porém, indiretamente, podemos enxergar traços de uma resposta mais global às indagações de Estrada³⁵³. Em seus últimos escritos, Torres Queiruga reconhece que o mal é aquilo que “não deveria ser”, uma realidade que inclusive, apresenta um choque com a fé num divino que sustenta o real³⁵⁴. Porém, se espanta com a tendência atual em negar a validade da teodiceia, tendência essa compartilhada por crentes e ateus³⁵⁵. Ou seja, existe hoje uma verdadeira “antiteodiceia teísta’ que crê em Deus, porém protesta contra ele em defesa das vítimas”³⁵⁶.

Para ele, esse fato não se deve à inviabilidade da teodiceia, mas sim aos paradigmas dentro dos quais esta teodiceia vem sendo construída. Já havíamos relatado no capítulo anterior como o advento da modernidade, com o seu zelo pela autonomia do mundo, exige que o mal seja tratado em primeiro lugar como problema humano. Hoje em dia, apresenta-se como uma conquista irrenunciável o fato de que o mundo funciona segundo suas próprias leis, sem intervenções divinas pontuais a fim de corrigir suas possíveis falhas. Ninguém educado na mentalidade moderna vai buscar no castigo divino a causa para uma doença, como se fazia na Idade Média, mas sim na proliferação de vírus e bactérias. Sendo assim, já não tem mais sentido uma reflexão que busque justificar (ou condenar) a Deus pelo fato deste não intervir diretamente para evitar o mal no mundo. Os ateus, quando fazem isso, contrariam o próprio princípio que julgam defender, que é o da autonomia do mundo frente ao divino, visto que indiretamente afirmam que acreditariam em Deus se este agisse magicamente para evitar a fome na África ou a guerra no Oriente Médio. E os crentes, ao reduzir a teodiceia unicamente a uma apologética frente às acusações atéias, perdem a oportunidade de demonstrar a plausibilidade da sua posição.

Não se justifica também o recurso ao mistério como saída para o impasse, como tem feito estas “antiteodiceias”, das quais Estrada é um dos seus principais expoentes. Para Torres Queiruga, o recurso ao mistério nada mais é

³⁵³ Chama a atenção o título de um provocante artigo escrito por Torres Queiruga. QUEIRUGA, A.T., La inevitable y posible teodicea. In: *Iglesia Viva*, 225 (jan-mar/2006). Qualquer semelhança ao título do livro de Estrada (“La imposible teodicea”) não parece mera coincidência.

³⁵⁴ Cf. QUEIRUGA, A. T., *Repensar o mal: da poneroloxía á teodicea*, p. 7.

³⁵⁵ Cf. *Ibid.*, p. 8.

³⁵⁶ *Ibid.*

do que um subterfúgio para fugir do fato de que se continua refletindo a partir de uma idéia de Deus culturalmente superada³⁵⁷.

Tendo bem presente esse pano de fundo que marca a diferença entre as abordagens de Torres Queiruga e de Estrada, é possível analisarmos com mais detalhes algumas das críticas pontuais feitas por este à teologia do autor por nós estudado.

À proposta queirugiana de que o mal é possibilitado pela finitude ou contingência do mundo real, Estrada responde que se trata de uma resposta impossível de ser verificada. Já Torres Queiruga pensa exatamente o contrário. Para ele, “não parece impossível demonstrar que, dado como é e como funciona o mundo, tanto no seu dinamismo cósmico como na história e vida humanas, resulta impossível que não se produzam *também* choques e desajustes, disfunções e conflitos”³⁵⁸. Para demonstrar, ele cita diversos exemplos, embora reconheça que os exemplos não demonstram por si mesmos. De qualquer forma, é inegável que o pensamento moderno, ao ignorar a hipótese “Deus”, voltou-se unicamente para buscar o mal em causas intramundanas e a investigar nelas a solução para os desajustes provocados. E ao investigar essas causas, fica claro que “o mundo tal como é e como podemos experimentá-lo e conhecê-lo não pode ser sem mal”³⁵⁹.

Isto não significa abandono da reflexão religiosa ou existencial³⁶⁰, mas apenas opção metodológica por uma reflexão que possa ser coerente com os paradigmas modernos. Como já deixamos o próprio autor falar, colocadas as bases da ponerologia, que se apresenta em conexão com a tendência atual da ciência e da filosofia de pensar muito mais uma *antropodicéia* ou *cosmodicéia*, como propriamente uma teodiceia, ou seja, do mal como problema cósmico ou humano, antes de ser divino, podemos então, como crentes, colocá-lo como passível de uma resposta teológica dentro da chama piteodiceia. Nesse ponto, porém, entramos em contato com mais uma objeção de Estrada, que diz ser impossível uma ponerologia neutra. Porém, o próprio fato de que a reflexão sobre o mal esteja sujeita aos condicionamentos culturais, a meu ver, antes de

³⁵⁷ Cf. QUEIRUGA, A. T., *Repensar o mal: da poneroloxía á teodicea*, p. 11. Ver também a reflexão feita no Capítulo 2, item 2.2.1.3.

³⁵⁸ Ibid., p. 43.

³⁵⁹ Ibid., p. 45.

³⁶⁰ Quanto à acusação de fazer uma reflexão abstrata, Queiruga cita o seu livro “Recuperar a Salvação” para provar a “apaixonante concretude” com que abordou essa questão desde o seu primeiro trabalho. Cf. Id., QUEIRUGA, A. T., *Fim do Cristianismo Pré-Moderno*, p.38. Vale ressaltar também um recente artigo sobre a espiritualidade presente na teologia de Torres Queiruga, onde a autora do artigo defende justamente que o autor, em sua obra, supera o hiato entre teologia e espiritualidade, tão presente na teologia católica ao longo de muitos séculos. Cf. WIRTZ MOLEZÚN, M. P., A espiritualidade na teoloxía de Torres Queiruga. In: *Encrucillada*, 170, (novembro-dezembro 2010).

anular a metodologia e a proposta de Queiruga, só faz confirmá-la. Justamente a contingência na qual a vida humana inexoravelmente se encontra encerrada é que faz com que a avaliação em relação ao que é mal ou não possa ser subjetiva. Como afirma mesmo o autor: “para ser percebido como um problema real, o considerado mal nem precisa ser real em si mesmo: no extremo, também um mal imaginário pode atormentar e apresentar-se como o que não deveria ser”³⁶¹.

Entrando propriamente no campo da piteodiceia, abordamos agora a questão do “atraso” na superação do mal, já que ele se é possível no final, então deveria ser no início. Não conseguimos reconhecer na teologia do autor a afirmação de que este retardo esteja em “critérios pedagógicos divinos”³⁶², como afirma Estrada. A afirmação dá a entender que se Deus quisesse poderia fazer diferente, e se não o fez é porque assim o quis. O que na verdade Torres Queiruga faz é recorrer à afirmação de Irineu de que “o que é possível no final nem sempre o é no princípio”. E o atual sentido de evolução radicaliza ainda mais esta intuição, mostrando que o ser humano é necessariamente um ser histórico. Assim, a historicidade do ser humano consiste em “realizar-se na história mediante o exercício da própria liberdade. Uma salvação que não acontecesse no seio mesmo desta realização, senão que chegasse feita e perfeita desde fora, é simplesmente inconcebível”³⁶³. Ou seja, “não é possível pensar que uma criatura consciente e livre pudesse ser criada já no estado de realização plena”³⁶⁴. Não é que Deus não quisesse criá-la, por critérios pedagógicos. Se o fizesse, esta não seria humana.

Resta ainda a crítica severa que Estrada faz em relação ao abandono da tradição, por parte de Torres Queiruga. Quanto à questão da relação entre a tradição e a teologia de Queiruga, pretendemos dedicar a ela um tópico exclusivo. Por enquanto, fica ainda a tarefa de ressaltar os pontos de convergência entre a reflexão dos dois pensadores espanhóis. A preocupação quase exclusiva de Estrada em desqualificar a reflexão “ponerológica” de Torres Queiruga, a serviço do seu projeto de demonstrar ser a teodiceia impossível e dispensável, não o faz perceber que os pontos de contato entre os dois autores

³⁶¹ QUEIRUGA, A. T., *Repensar o mal: da poneroloxía á teodicea*, p. 5.

³⁶² ESTRADA, J. A., *A impossível teodiceia: a crise da fé em Deus e o problema do mal*, p. 238.

³⁶³ QUEIRUGA, A. T., op. cit., p. 169.

³⁶⁴ Ibid.

são muito vastos justamente naquilo que é o seu objeto de maior interesse: a atitude cristã frente ao mal³⁶⁵.

3.1.3.2.

Pontos de convergência

Como dissemos anteriormente, o projeto teológico de Estrada está a serviço do engajamento cristão no combate do mal, já que para ele, teorizar sobre o mal é impossível. Já Torres Queiruga apresenta a sua reflexão como um serviço que permita um combate contra o mal que seja pleno de sentido e de esperança. Por aí percebemos que no fundo, os dois possuem a mesma meta, só que para alcançá-las percorrem caminhos diferentes.

Na sua reflexão mais estritamente teológica, Estrada lembra em relação a Jesus que “sua postura básica diante do mal se resume ao anúncio do Reino de Deus, que consolida a tradição profética acerca de um tempo final em que Deus reinaria plenamente sobre seu povo”³⁶⁶. Ou seja, Jesus não possui uma “teodiceia”, mas apenas uma práxis antimal que revela o rosto do Deus em nome do qual ele age. Um Deus que “não se mostra satisfeito com um mundo assolado pelo mal físico e moral, e vem pôr termo a essa situação”³⁶⁷. Um Deus, enfim, que se revela como *Abba* (“papai”), solidário com os seres humanos e que revela a sua essência como sendo amor. Assim, Jesus depura as antigas imagens divinas que o apresentavam como um mistério fascinante e tremendo, que suscitava ao mesmo tempo admiração e temor. O Deus de Jesus é um Deus que está incondicionalmente ao lado das vítimas do mal, oferecendo-lhe o calor da sua amizade e a força da sua presença.

Nada disso, porém, anula a responsabilidade humana na consecução desse Reino. Embora este seja dom divino, não dispensa nem descarta a responsabilidade humana e a sua ativa colaboração. “O homem devia se despojar e desvencilhar-se de tudo para ‘entrar no Reino de Deus’. Daí o apelo à conversão e à radicalidade no seguimento de Jesus”³⁶⁸.

E o mais interessante é que Estrada, ao explicar o modo de articulação entre a ação divina e a ação humana aproxima-se surpreendentemente da

³⁶⁵ Quanto à discussão sobre o “excesso de mal” existente do mundo, usado por Estrada para justificar a sua afirmação de que o mal não pode se enquadrar em nenhum esquema teórico, remetemos ao que foi tratado no final do item 2.3.3 do capítulo 2. Da mesma forma como remetemos ao item 2.2.2.4 deste mesmo capítulo para a questão sobre a existência ou não de um princípio externo do mal em relação ao mundo.

³⁶⁶ ESTRADA, J. A., *A impossível teodiceia: a crise da fé em Deus e o problema do mal*, p. 380.

³⁶⁷ *Ibid.*, p. 385.

³⁶⁸ *Ibid.*, p. 383.

teologia da criação de Torres Queiruga. Para Estrada, “a intervenção divina não é exterior à história. Deus também não é uma causa a mais, justaposta às outras (...). Ele se faz presente à medida que inspira e mobiliza os homens em prol do reino, a começar por Jesus e os seus. A implantação do reino é feita por Jesus e seus seguidores e enfrenta obstáculos que expressam a resistência do mal à ação humana”³⁶⁹.

Ou seja, no final, o resultado da teologia de Estrada acaba sendo o mesmo da teologia de Queiruga. Em resumo, ele apresenta a visão de um Deus que se coloca solidário, ao lado do ser humano na luta contra o mal que o assola. Apesar disso, é um Deus zeloso pela liberdade humana, que não intervém magicamente, mas que age capacitando o ser humano para que este possa combater e vencer o mal. “O Reino de Deus não se impõe pela força. Ele é antes um dom que deve ser recebido em espírito de justiça e amor. A abolição do mal, entretanto, requer a transformação da sociedade e das instituições. Em última instância, ou se luta contra ele ou se acaba legitimando o poder do *status quo* político-econômico.

E essa convergência de reflexões se mostra ainda mais presente se formos ao núcleo do querigma cristão que é o mistério pascal, ou seja, a morte e ressurreição de Jesus. Estrada, como Queiruga, rejeita a visão sacrificial que dominou a teologia por tantos séculos, que tira a cruz do contexto histórico que a criou e desqualifica a história de Jesus enquanto motivador para o engajamento concreto dos cristãos na luta contra o mal.

Nesse sentido, nos lembra Estrada que “a não-intervenção de Deus na cruz é uma demonstração da autonomia e da liberdade humanas. Deus não intervém porque quer dar testemunho da suprema dignidade do homem, mesmo quando ele atenta contra o próprio Deus”³⁷⁰. Mas nem por isso, Deus deixa de dar uma resposta. E mais uma vez, as opiniões convergem. Para Estrada, como para Queiruga, a resposta definitiva de Deus para a questão do mal é a ressurreição: “A ressurreição, por sua vez, atesta sua vontade salvífica e o poder superador da morte em Jesus, constituído Filho de Deus na ressurreição. A vida de Jesus é o núcleo da resposta cristã ao problema do mal, e a ressurreição, sua chancela divina”³⁷¹.

Concluindo, a reflexão de Estrada sobre a atitude cristã frente ao mal corresponde exatamente à pisteodiceia de Torres Queiruga. O problema é que

³⁶⁹ ESTRADA, J. A., *A impossível teodiceia: a crise da fé em Deus e o problema do mal*, p. 385.

³⁷⁰ *Ibid.*, p. 409.

³⁷¹ *Ibid.*

Estrada, ao criticar Queiruga, centrou-se unicamente na sua ponerologia. Ponerologia esta que Estrada prefere não fazer, dada a sua opção metodológica que julga desnecessário e até impossível uma teorização sobre o mal.

3.1.4.

Outras contribuições da pesquisa teológica no contexto brasileiro

A obra de Torres Queiruga tem sido objeto da pesquisa teológica em muitos contextos, inclusive o brasileiro. A atualidade da temática abordada, bem como a pertinência e a clareza de suas idéias têm transformado a sua reflexão em objeto de interesse crescente. Para ilustrar e de modo a exemplificar a direção na qual a pesquisa teológica tem se aprofundado sobre a obra do autor, vamos apresentar três exemplos de trabalhos envolvendo o seu pensamento em nosso meio, no que diz respeito ao tema por nós estudado.

3.1.4.1.

O Deus Im-potente: o sofrimento e o mal em confronto com a cruz

O título deste item pertence a uma tese defendida em 2003 no programa de pós-graduação da PUC-Rio, sob orientação do professor Alfonso Garcia Rubio³⁷². Nesta pesquisa, o dr. Paulo Roberto Gomes compara a obra de Torres Queiruga com a de outros dois importantes teólogos da atualidade: Jürgen Moltmann e Jon Sobrino.

Segundo a sua visão, as outras duas reflexões não contradizem diretamente a linha teológica do nosso autor e de modo especial a sua visão de que o mal não é vontade de Deus, mas fruto inevitável da finitude da criação³⁷³. O que eles fazem é desenvolver melhor alguns aspectos da questão do mal que não aparecem tão explícitos na teologia de Queiruga, devido a sua preocupação em oferecer uma reinterpretação ampla do assunto dentro do paradigma moderno.

Paulo Roberto Gomes vai ressaltar a preocupação de J. Moltmann em reconstruir a imagem do Deus cristão, distorcida devido a inculturação da fé no mundo grego³⁷⁴. Essa inculturação trouxe para o conceito de Deus a idéia de apatia, que significa “fisicamente, imutabilidade; psicicamente, insensibilidade;

³⁷² A tese foi publicada por Edições Loyola, no ano de 2007.

³⁷³ Cf. GOMES, P. R., *O Deus Im-potente: o sofrimento e o mal em confronto com a cruz*, pp. 108; 197; 206.

³⁷⁴ Cf. *Ibid.*, pp. 107-108.

eticamente, liberdade”³⁷⁵. Com isso, Deus se torna insensível, distante e ao mesmo tempo estático. Moltmann, ao contrário, sempre segundo Gomes, vai reintroduzir, a partir da cruz, a idéia de um Deus que “sofre”, embora este “sofrimento” seja diferente do sofrimento humano. “A criatura “sofre”, entre outros motivos, por carência do ser; Deus ‘sofre’ em seu amor, que não é outra coisa senão a superabundância do ser”³⁷⁶. Tal conclusão vai destacar o engajamento e a solidariedade de Deus ao lado do ser humano na sua luta contra o mal (fato este que não é negligenciado por Queiruga) e a necessidade do cristão abraçar também este engajamento, como forma concreta de explicitar o seguimento do Deus cristão.

Sobre Jon Sobrino, a tese vai lembrar que o referido autor trabalha a questão do pecado como fonte de sofrimento, de modo especial o pecado socioestrutural, que no chamado “terceiro mundo” vai causar “pobreza em massa, cruel, injusta, estrutural e duradoura”³⁷⁷. Assim, o Deus revelado em Jesus é o Deus do Reino, aquele que na sua irrupção trabalha pela libertação dos pobres e o coloca como herdeiros privilegiados desse Reino por ele prometido³⁷⁸.

Como os outros dois autores estudados por Gomes não representam questionamento direto à Queiruga, mas na verdade desenvolvimento de aspectos por ele não aprofundados, para a sua crítica, o autor da tese vai se utilizar, sobretudo, da reflexão de J. A. Estrada, cujo pensamento já analisamos e confrontamos com o de Torres Queiruga, não necessitando refazê-lo nesse momento.

O mais importante para nós é que ao final do seu estudo, o autor da tese vai concordar com Torres Queiruga sobre o fato de que “somos afetados pelo mal por causa da nossa condição limitada, finita e imperfeita”³⁷⁹. Porém, tal constatação, longe de chamar à passividade, em primeiro lugar, serve para refazer a nossa imagem sobre Deus (e nesse ponto recorre também à colaboração dos outros autores estudados). Não mais um Deus distante que age no mundo com intervenções pontuais, mas um Deus que age ao nosso lado para fazer com que a criação chegue ao seu pleno cumprimento, cumprimento este que será consumado na ressurreição final³⁸⁰.

³⁷⁵ GOMES, P. R., *O Deus Im-potente: o sofrimento e o mal em confronto com a cruz*, p. 109.

³⁷⁶ *Ibid.*, p. 197.

³⁷⁷ *Ibid.*, p. 149.

³⁷⁸ Cf. *Ibid.*, pp. 152-153.

³⁷⁹ *Ibid.*, pp. 230-231.

³⁸⁰ Cf. *Ibid.*, pp. 231.

3.1.4.2.

Deus e o ser humano: rivalidade ou companherismo?

Quem trabalha este tema é Carlos Henrique Menditti em dissertação de mestrado. Entre o seu trabalho e o de Gomes, existem inúmeras coincidências. Ambos os estudos foram apresentados em 2003, na PUC-Rio, e tiveram como orientador o prof. Alfonso Garcia Rubio.

Em seu estudo, Menditti faz uma comparação entre a concepção de Deus que está por trás da obra de José Saramago com o título “O Evangelho segundo Jesus Cristo” e aquela que aparece na reflexão do teólogo³⁸¹. O romance do escritor português é apresentado como um bom exemplo da mentalidade atéia que enxerga na fé cristã a imagem de um Deus que diminui o ser humano, manipulando-o e colocando-se contra tudo aquilo que promove a sua vida, sua alegria e seu prazer.

Segundo a descrição de Menditti, o Deus de Saramago é um “fantasma”³⁸² que busca única e exclusivamente o seu próprio interesse, manipulando Jesus para fazer dele instrumento da ampliação do seu poder no mundo. Por trás da sua concepção, está a teologia da satisfação medieval através da qual Jesus morreu para “reparar” a ofensa feita a Deus por meio do pecado, além de incorporar ao divino traços mesquinhos e egoístas, apresentando um Deus que intervém na realidade do jeito que bem entende, conduzindo a vida das pessoas conforme a sua vontade e negando-lhes a autonomia e a liberdade. Um Deus, enfim, que poderia evitar o mal, se quisesse, visto que Saramago parte de uma concepção de “onipotência abstrata”, mas que não o faz porque isso não lhe interessa.

Na sua dissertação, Menditti reconhece que tal visão de Deus fundamenta-se em muitas vivências deturpadas da fé cristã que se foram configurando ao longo da história pelo próprio cristianismo “enquanto configuração social (Igrejas) e enquanto explicitação da fé (teologia)”³⁸³. Mas apresenta a teologia de Torres Queiruga como contraponto à visão saramaguiana. Relembra que o Deus revelado em Jesus Cristo é puro amor, e baseado na reflexão que por nós já é conhecida, reafirma que “Deus não é rival do ser humano, mas o seu maior

³⁸¹ Cf. MENDITTI, C. H., *Deus e o ser humano: rivalidade ou companherismo?* Dissertação de mestrado defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientador: Afonso Garcia Rubio. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Teologia, 2003.

³⁸² Ibid., p. 142.

³⁸³ Ibid., p. 137.

aliado e ‘grande companheiro’³⁸⁴. Porém, tira do confronto com a obra do escritor português a lição de que esse Deus, para ser digno de fé, precisa ser demonstrado concretamente na reflexão da teologia e na prática das Igrejas.

3.1.4.3.

De volta ao mistério da iniquidade

Trata-se de pesquisa bem mais recente, do ano de 2009, do professor Afonso M. L. Soares³⁸⁵. Neste trabalho, o autor trabalha, num primeiro momento, um histórico das respostas míticas e filosóficas à questão do mal, ressaltando as suas constantes insuficiências e lacunas. Depois, ele apresenta as principais respostas atuais dadas pela teologia, numa obra muito interessante para quem deseja conhecer o estado atual da questão. Para atingir seus objetivos, utiliza-se da obra de três teólogos que ele considera paradigmáticos do pensamento atual, sendo estes capazes de recolher o melhor da reflexão das últimas décadas. São eles: Juan Antônio Estrada, o nosso Andrés Torres Queiruga e Juan Luis Segundo. Cada um deles representaria um grupo maior de respostas à questão do mal dadas pela teologia contemporânea.

O pensamento de Estrada representa o grupo de teólogos (que incluiria também de Ruiz de la Peña, E. Schillebeeckx e H. Küng) que coloca a reflexão sobre o mal em segundo plano, dando prioridade à questão da práxis. Em relação à causa ou sentido do mal, apela-se para o mistério, pois para eles não há nenhuma explicação plausível, sendo todas insuficientes. O importante é crermos num Deus que se compadece da nossa dor e se coloca ao nosso lado na luta contra o mal³⁸⁶.

Ao “pessimismo ilustrado” de Estrada ele opõe o “otimismo ilustrado”³⁸⁷ de Torres Queiruga. O capítulo no qual ele faz a apresentação da teologia do autor por nós estudado é iniciado com a seguinte pergunta: “que tipo de esperança suscitará o profeta cuja razão sabe não haver saída?”³⁸⁸ E com esse questionamento justifica a posição de Queiruga que pertence ao grupo de

³⁸⁴ MENDITTI, C. H., *Deus e o ser humano: rivalidade ou companheirismo?*, p. 151.

³⁸⁵ SOARES, A. M. L., *De volta ao mistério da iniquidade: algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas*. Tese de livre docência em Teologia da PUC-SP.

³⁸⁶ *Ibid.*, p. 77.

³⁸⁷ Termos atribuídos por A. M. L. Soares à X. Pikaza.

³⁸⁸ *Ibid.*, p. 90.

teólogos que, na sua descrição, “crê ser possível dar uma explicação razoável ao problema do mal antes de, inevitavelmente, deparar com o mistério”³⁸⁹.

É interessante notar que Soares expõe Queiruga à crítica dos seus opositores com muito mais intensidade do que aos outros autores por ele estudados (talvez por que seus críticos sejam mais numerosos?). A própria teodiceia queirugiana é apresentada por Soares a partir do resumo expositivo feito por Estrada no livro em que ele o critica³⁹⁰. Mas após fazer esse duro caminho e apresentar as possíveis respostas que ele apresentaria a cada um dos seus questionamentos (não vamos rerepresentá-las, pois já tentamos fazer isso quando apresentamos a discussão entre os dois autores), Soares acaba cedendo e reconhecendo não ver na intenção de Torres Queiruga “o descalabro detectado por Estrada”³⁹¹. Seu objetivo é, segundo Soares, “no respeito das autonomias do novo contexto moderno, ‘mostrar as razões da própria fé e, negativamente, enfrentar as objeções que a tornariam incoerente’”³⁹².

Por fim, Soares apresenta o pensamento de Juan Luis Segundo. Ele inicia o capítulo dedicado a estudar o autor uruguaio – o maior da tese, por sinal – dizendo não acreditar que a sua perspectiva contradiga a de Torres Queiruga, sendo na verdade complementar ao pensamento do autor galego³⁹³. Isso, porque, a exemplo de Queiruga, Segundo também busca uma racionalidade para a questão do mal. E mais do que isso – chega a achar para ele um função³⁹⁴. Segundo, de acordo com Soares, parte da perspectiva evolucionista do mundo e do papel da liberdade humana nesta evolução. Deus teria conduzido a evolução do cosmo até o surgimento da consciência e da liberdade no ser humano, a fim de entregar a este a continuidade do processo evolutivo. Sem limitação, e portanto, sem dor e sofrimento, não haveria liberdade. Cabe ao ser humano utilizar-se dos recursos oferecidos por Deus a fim de tomar parte ativa na consecução da finalidade da criação, que é o amor.

Porém, como o nosso objetivo é sempre a obra de Torres Queiruga, a nós interessa o questionamento que Soares faz ao nosso autor na sua conclusão geral. Após elogiar o seu esforço de desmascarar ilusões pré-modernas ainda

³⁸⁹ SOARES, A. M. L., *De volta ao mistério da iniquidade: algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas*, p. 90.

³⁹⁰ Cf. *Ibid.*, p. 94; ESTRADA, J. A., *A impossível teodiceia*, pp. 229-242.

³⁹¹ SOARES, A. M. L., *op. cit.*, p. 111.

³⁹² Cf. *Ibid.* Ele cita QUEIRUGA, A. T., *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 220.

³⁹³ Cf. SOARES, A. M. L., *op. cit.*, p. 114.

³⁹⁴ Apesar de não contradizer Queiruga, constatamos aqui uma diferença fundamental entre Segundo e o teólogo por nós estudado, pois neste, o mal não tem função: é inevitável.

persistentes e de trabalhar por “um cristianismo moderno, adulto, responsável”³⁹⁵, apresenta o seguinte questionamento:

Que espaço a teologia dará às piteodiceias dissonantes? No caso específico da teologia do “sul”, que lugar ocuparão as epistemologias de sofrimento vêm sendo “elaboradas” e narradas por nossos povos? O sistema de Queiruga custa a admitir a essas narrativas outras um lugar epistemológico de primeira grandeza³⁹⁶.

Certamente o autor pensa nas piteodiceias possivelmente elaboradas pela teologia da libertação, já que o mesmo deixa claro desde o início da sua tese, que o objetivo da sua investigação é o de fornecer elementos críticos para uma melhor reflexão do mal no contexto da teologia em cuja corrente ele se apresenta. Porém, como o questionamento é apresentado tal como ele está aí relatado, sem qualquer justificação prévia nem quaisquer outros aprofundamentos, não nego a minha perplexidade diante dele, visto que é justamente a mão estendida ao diálogo uma das grandes vantagens da metodologia de Torres Queiruga. A separação entre piteodiceia e piteodiceia abre caminho para a possível existência de várias piteodiceias. Se o mal é problema comum, humano e secular, as elaborações de sentido são plurais. Se o mesmo vale para o ateísmo e para outras piteodiceias religiosas, porque não para o pluralismo de teologias cristãs?

3.2.

Torres Queiruga e a tradição eclesial

Estando apresentada a visão de Torres Queiruga a respeito da salvação cristã e da objeção que o mal apresenta para esta visão, bem como de algumas críticas feitas pela teologia contemporânea à sua obra, é chegada a hora de compará-la com aquilo que a tradição vem ensinando a respeito deste tema. Obviamente que não vamos esgotar o tema, visto que isso seria grande pretensão em se tratando de dois milênios de reflexão teológica. No curso da reflexão, diante das exigências da mesma, já antecipamos algo desta discussão aludindo à chamada Teologia da Satisfação, que dentro da reflexão do autor se apresenta como pertencente a um marco referencial superado. Agora

³⁹⁵ SOARES, A. M. L., *De volta ao mistério da iniquidade: algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas*, p. 169.

³⁹⁶ Ibid.

pretendemos fazer alusão a uma outra doutrina, que por força de declaração conciliar reveste-se de caráter normativo: a doutrina do pecado original.

3.2.1.

Uma necessária reinterpretação dos textos fundadores

Nas suas considerações no livro “Recuperar a Salvação”, Torres Queiruga começa lembrando que os relatos bíblicos sobre os quais esta doutrina repousa são relatos míticos, “no sentido riquíssimo e impregnante que a fenomenologia da religião e a hermenêutica atual atribuem a esta palavra”³⁹⁷. Sendo assim, e fiel aos princípios hermenêuticos de sua teologia, o autor recorda o absurdo que comporta uma leitura literal dos respectivos textos, o que poucos ainda são capazes de fazer nos dias atuais. De qualquer forma, não custa ressaltar, por exemplo, o fato “de que em todo o Antigo Testamento não apareça uma única alusão direta – possivelmente, nem sequer indireta – à história do pecado de Adão”³⁹⁸. Assim, a própria narrativa bíblica é testemunha de que o texto do Gênesis sobre a criação do mundo e do ser humano não se trata de um relato histórico, mas de uma “*etiologia* simbólica (a saber, da explicação de um fenômeno presente mediante uma narração das origens, geralmente sem intenção histórica – no sentido moderno da palavra -, mas buscando abrir sua significação profunda)”³⁹⁹.

E que significação é essa? Torres Queiruga admite que ela é “tão óbvia e capital em sua intenção global quanto obscura e difícil em sua interpretação incompleta”⁴⁰⁰. O que está em jogo é o mal que surge como fruto da liberdade. Embora o autor não o expresse com essas palavras, podemos desde já observar que seria, portanto, uma extrapolação transpassar aquilo que a doutrina do pecado original quer relatar em relação ao surgimento do mal moral para todo o tipo de mal⁴⁰¹.

Em relação ao pecado que surge da liberdade, o relato bíblico da criação lembra que “o pecado e seu companheiro inseparável, o mal, encontram-se ‘do outro lado’ de Deus: na instintividade interna do ser humano, que o mina por

³⁹⁷ QUEIRUGA, A. T., *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*, p. 157.

³⁹⁸ *Ibid.*, p. 160.

³⁹⁹ *Ibid.*, p. 159.

⁴⁰⁰ *Ibid.*, p. 157.

⁴⁰¹ Um comentário pessoal: lembro-me ainda das pregações do meu velho pároco de infância e adolescência, que reiteradas vezes em suas homilias dominicais insistia no pecado de Adão e Eva como causa do surgimento da morte no mundo, sem o qual viveríamos numa espécie de vida eterna natural. Ele continuou pregando esta doutrina até o seu falecimento, no ano de 1997.

dentro, e nas forças obscuras que o assaltam a partir de fora; nos condicionamentos cósmicos e nas pressões sociais⁴⁰². “Assim como Deus se apresenta sempre ao israelita como aquele que luta contra o mal, assim também o ser humano apresenta-se-lhe frequentemente como cúmplice deste mal, causador da desgraça, solidário da opressão. Unamos a isto uma concepção mais ‘objetiva’ e mais ‘corporativa’ do pecado⁴⁰³, pela qual o pecado individual, sobretudo daquele que ocupa uma função de comando, influi sobre toda a comunidade e acarreta o próprio “castigo”, e teremos o quadro hermenêutico dentro do qual poderemos interpretar os textos⁴⁰⁴.

Essa visão vai ser enriquecida se trouxermos à cena outro texto comumente usado na fundamentação do pecado original: a carta de São Paulo aos Romanos. Assim como “o Gênesis quer mostrar como o mal tem sua origem no pecado do ser humano, a carta aos Romanos quer mostrar como a salvação tem a origem em Deus mediante Cristo, e como ela tem a última palavra, pois é mais poderosa e abundante do que toda a força do pecado⁴⁰⁵. A confissão da existência histórica de um homem chamado Adão na origem da humanidade não é a intenção primordial do relato. Este aparece apenas como “meio hermenêutico para entender a obra de Cristo⁴⁰⁶. Do texto emerge a convicção de que o pecado é uma força universal que escraviza o ser humano, mas que está submetida à universal força salvífica de Cristo ao qual todo o homem e toda mulher podem ter acesso pela fé.

Assim, é esta força escravizadora que a tradição vai chamar de pecado original, que obviamente não é um pecado propriamente dito, mas a condição de possibilidade que permite o pecado acontecer. Podemos dizer que, para Queiruga, são os limites apresentados por uma liberdade finita. Para comprovar, vamos citá-lo literalmente:

Traduzindo a experiência paulina para nosso particular contexto histórico, temos também aí o fundo sobre o qual devemos compreender o sentido e o alcance da salvação. Alienação existencial e alienação econômica, alienação psicológica e alienação cultural, alienação social e alienação histórica, alienação moral e alienação religiosa... são, todas elas, manifestações de nossa impotência enquanto criaturas, dimensões diversificadas da “tristeza de nossa finitude⁴⁰⁷.

⁴⁰² QUEIRUGA, A. T., *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*, p. 160.

⁴⁰³ *Ibid.*, p. 159.

⁴⁰⁴ *Ibid.*

⁴⁰⁵ *Ibid.*, p. 162.

⁴⁰⁶ *Ibid.*

⁴⁰⁷ *Ibid.*, p. 164.

A princípio, afirmar a finitude da liberdade humana pode parecer uma contradição, pois, por um lado, mais do que fazer o que se quer, a liberdade indica a capacidade de autopossessão, de domínio de si, que como vimos no início deste trabalho, é característica intrínseca ao ser pessoal. Por outro, porém, finitude, ou limite, indica exatamente o contrário: “desposseção, negatividade e carência de domínio”⁴⁰⁸. Tal contradição só pode ser superada “introduzindo o fator *tempo* ou, se quiser, o fator *história*”⁴⁰⁹. A liberdade, assim como toda a realidade criada, é ao mesmo tempo dom e tarefa. Ela é presente do Criador ao ser humano, mas devido à finitude da criatura, deve ser forjada no lento crescimento pelo qual a pessoa deve lutar, na história, contra a inércia dos instintos. Tal é o paradoxo da vida humana, que não se encontra “nem fixado no que já é, como a pedra e o animal; nem já dono da infinitude de seu poder ser, como Deus”⁴¹⁰. Por isso, segundo Torres Queiruga, o acerto da moral atual pela sua insistência na “opção fundamental”, evitando o julgamento moral da pessoa baseado apenas em atos particulares⁴¹¹.

Desses primeiros dados apresentados por Torres Queiruga na discussão sobre o pecado original, porém, surge uma pergunta à qual devemos considerar com especial atenção: é o pecado uma realidade inevitável? Torres Queiruga parece afirmar que sim, que o pecado é inevitável:

a inevitabilidade do mal entre os seres humanos reveste uma evidência tão dura quanto insuperável. No *nível moral* lá onde aparece uma liberdade finita, ali se planta a sombra escura da falta, a impossibilidade da pureza perfeita, o tormento do egoísmo insuperável⁴¹².

E se a idéia de paraíso, que aparece no mito como sendo algo ocorrido no início, é na verdade o sonho da sua realização que só será possível no final⁴¹³, então a primeira pergunta não tem como não desdobrar numa segunda, igualmente importante para a nossa reflexão: a concepção do pecado original não traz subjacente a ela a idéia de que o pecado é um acidente, que entra por um acaso na história humana, mas que poderia não entrar? A reinterpretação do dogma que “é sempre a leitura atual de um dado revelado”⁴¹⁴, permite relemos

⁴⁰⁸ QUEIRUGA, A. T., *Recuperar a Criação: por uma religião humanizadora*, p. 247.

⁴⁰⁹ *Ibid.*, p. 255.

⁴¹⁰ *Ibid.*

⁴¹¹ Cf. *Ibid.*, p. 256.

⁴¹² *Id.*, *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*, p. 95.

⁴¹³ “A protologia equivale na realidade à escatologia”. Uma afirmação de K. Rahner citada por Torres Queiruga em *Ibid.*, p. 161.

⁴¹⁴ *Ibid.*, p. 155.

esse dado como apenas um aspecto cultural da formulação e não como um dado de fé?

3.2.2.

Uma necessária revisão do esquema para a história da salvação

Para avançarmos na reflexão a respeito dessa questão precisamos dar um passo a mais e recorrer a uma obra mais recente do autor, chamada “Esperança apesar do mal”. Neste livro, de 2005, escrito quase 30 anos depois da reflexão feita em “Recuperar a Salvação”, o teólogo avança na sua proposta de uma reinterpretação do tema a partir do paradigma moderno, criticando aquelas tentativas de interpretação que, embora abandonando a leitura literal do Gênesis, tentam ainda fazer um remendo a fim de salvar alguma coisa da visão anterior. Ele considera como remendo a atitude daqueles que, tendo a coragem de abandonar uma leitura literal dos mitos da criação, continuam afirmando a existência de um acontecimento categorial, no início dos tempos, que tenha mudado a história da humanidade⁴¹⁵. A fim de fugir disso que ele considera uma armadilha, Torres Queiruga apresenta a radical proposta de um novo esquema para a história da salvação.

Segundo ele, o esquema tradicional está baseado na “sequencia *paraíso-queda-castigo-redenção-tempo da Igreja-glória*”⁴¹⁶. É esse esquema que leva a atribuir o mal no mundo a um castigo de Deus, “um castigo terrível por uma falta banal e sobre milhões de pessoas que – definitivamente e diga-se o que quer que se diga – são inocentes daquela suposta culpa”⁴¹⁷. Assim, “*fica ameaçada a pureza da esperança cristã*”⁴¹⁸.

Com isso, ele propõe um novo esquema de história da salvação, segundo ele mais coerente com a verdade do Deus amor revelado na Bíblia, e perfeitamente plausível dentro dos paradigmas modernos. É o esquema “*criação-crescimento histórico-culminação em Cristo-tempo da Igreja-glória*”⁴¹⁹. Dessa forma, o “ser humano tem de ‘nascer’ com a inevitável imperfeição de

⁴¹⁵ Cf. QUEIRUGA, A. T., *Esperança apesar do mal: a ressurreição como horizonte*, p. 85. No capítulo 1, item 1.4.3, tivemos a possibilidade de ressaltar a existência de teólogos que ainda hoje defendem o papel fundamental de um primeiro pecado na configuração da atual condição pecadora da humanidade.

⁴¹⁶ Ibid., p. 74.

⁴¹⁷ Ibid.

⁴¹⁸ Ibid., p. 75. O grifo é do autor.

⁴¹⁹ Ibid., p. 78.

todo começo; depois, necessita 'crescer', superando os obstáculos de todo avanço finito; para poder alcançar finalmente a 'plenitude' a que foi destinado"⁴²⁰.

Trata-se de um esquema bastante coerente com toda a teologia desenvolvida pelo autor. Vejamos quais são as suas implicações para a reinterpretação da tradição forjada no paradigma anterior. Em primeiro lugar, ele supera a visão que reduz a salvação à simples reparação do erro cometido no pecado original. Além disso, leva em conta a visão evolutiva do mundo, pelo qual a criação vai pouco a pouco atingindo a maturidade daquilo para o qual foi pensada por Deus.

O que está por trás deste novo esquema é uma profunda unidade entre criação e salvação. No esquema anterior, fortemente dualista, "a criação se converte num dado quase imprescindível, que chega inclusive a assumir ressonâncias negativas"⁴²¹. Embora este esquema antigo estivesse presente na carta de São Paulo aos Romanos, segundo Queiruga, ele aparece mitigado "pelo 'muito mais' da graça e pela absoluta primazia da 'fé'"⁴²². Ele, porém, foi aprofundado a medida que a teologia foi sendo elaborada dentro do universo grego e deixando-se influenciar pelo pensamento gnóstico, "com sua visão negativa da matéria e do mundo, de sorte que há toda uma vertente de pensamento que vê a redenção não como uma salvação *da* criação, aprofundando-a e potenciando-a em si mesma, mas como salvação *para fora da* criação, ou seja, como um resgate que liberta dela"⁴²³.

No novo esquema, porém, a criação:

constitui um crescimento desde um início até um fim, desde a protologia até à escatologia. O pecado original deixa assim de ser considerado como um episódio *empírico*, que rompe a continuidade da história. Mas nem por isso deixa de ser *real*, como estrutura permanente, enquanto a liberdade finita, saída inocente das mãos do Criador, é impotente de passar ao ato histórico com pureza total e sem contaminar nunca sua inocência: 'todo homem é Adão', tende a afirmar com crescente unanimidade a teologia atual"⁴²⁴.

Retornando à pergunta anteriormente formulada, podemos concluir que parece mesmo que no pensamento de Torres Queiruga também o mal moral resulta inevitável, dadas as condições concretas pelas quais a liberdade finita se realiza no mundo. Este será derrotado no final, quando a salvação significará a plenitude da criação, tornando-se impensável esta perfeição no início. Em

⁴²⁰ QUEIRUGA, A. T., *Esperança apesar do mal: a ressurreição como horizonte*, p. 78.

⁴²¹ Id., pp. 85-86.

⁴²² Ibid., p. 86.

⁴²³ Ibid., p. 86.

⁴²⁴ Ibid., p. 89.

relação ao pecado original, Torres Queiruga não tem medo de dizer que “hoje podemos e *devemos* dizer a nosso modo o que aquela teologia tinha de dizer ao seu”⁴²⁵. Desta forma, a seu ver, “é possível reconfigurar o esquema queda-redenção de modo que não rompa a unidade originária do projeto criador, sem com isso negar nem a realidade do que pretende indicar a doutrina do *pecado original*, nem a centralidade da *redenção*”⁴²⁶.

Uma das grandes vantagens que este esquema renovado apresenta está ligada à práxis. O novo esquema, ao colocar-nos dentro da dinâmica de uma criação em processo, cuja culminação se espera para o final dos tempos, sem reduções do seu valor salvífico nem instrumentalização da redenção reduzindo-a a mera correção de uma falha, ajuda a redescobrir o potencial da criatividade humana, colocando-a a serviço deste projeto salvífico global, fazendo das pequenas lutas diárias e dos grandes projetos humanizadores instrumentos a serviço da realização da obra criadora/salvadora de Deus.

Além disso, vale lembrar que neste ponto, mais uma vez a reflexão do autor está a serviço da recuperação de uma imagem positiva do Deus cristão, face aos questionamentos da modernidade. Se o pecado (ou a culpa, se quisermos usar uma linguagem secular) é inevitável num ser humano portador de uma liberdade finita, então, a noção de pecado não é uma imposição da religião para constranger o ser humano, como muitas vezes se chegou a considerar. Ao contrário, sendo o sentimento de culpa uma realidade inerente ao ser humano como tal, independente da pessoa ser ou não religiosa, então a religião entraria num segundo momento, apenas para aliviar-lhe o peso, visto que a fé cristã apresenta o Deus revelado em Jesus Cristo como sendo o libertador de toda a culpa. “A *essência de Deus consiste em perdoar*”⁴²⁷. Obviamente que com isso, o autor não despreza todo o peso culpabilizador que efetivamente a fé cristã teve na vida de muitos fiéis, em diversos momentos da história. Porém, a sua reflexão serve para dizer que não precisaria ter sido assim, visto que culpabilizar o ser humano naturalmente já “culpável”, não faz parte da essência da fé cristã, que em sua essência consiste em revelar um Deus que não castiga, mas somente ama.

Antes de encerrarmos esta discussão, cabe-nos fazer ainda duas observações. A primeira é de ordem metodológica. Não nos parece que seja pretensão de Torres Queiruga retraduzir conceito por conceito, as expressões

⁴²⁵ QUEIRUGA, A. T., *Esperança apesar do mal: a ressurreição como horizonte*, p. 89.

⁴²⁶ Ibid.

⁴²⁷ Ibid., p. 265.

teológicas pré-modernas para a linguagem moderna, a fim de se fazer uma perfeita correlação entre o que se afirmava na linguagem anterior e o que se afirma agora. O seu intento é mais ousado: reinterpretar o conjunto da fé cristã nos paradigmas atuais. Assim, Torres Queiruga não faz uma completa reconfiguração da doutrina do pecado original, mas apenas daquilo que se faz necessário para a esta nova leitura da questão do mal dentro dos novos paradigmas. E não encontra nenhuma dificuldade em descartar aquilo que já não fala mais aos dias atuais, como o antigo esquema da história da salvação e a própria teologia da satisfação, como já mencionamos anteriormente.

A segunda observação é a de que, embora o esquema *paraíso-queda-castigo-redenção-tempo da Igreja-glória* seja dominante na história teológica pré-moderna, nem por isso pode-se afirmar que o mesmo seja exclusivo. Torres Queiruga faz questão de lembrar o pensamento de Santo Irineu, pelo qual “a criação, a redenção e a glória formam um *continuum* em progressiva potenciação, durante o qual se vai abrindo a profundidade da carne, para torná-la cada vez mais capaz de acolher a salvação de Deus, até a manifestação escatológica de sua glória definitiva”⁴²⁸.

Terminada esta comparação da obra do autor com a tradição eclesial, veremos agora de que maneira a sua reflexão pode colaborar na práxis antimal.

3.3.

A ação eclesial como anúncio da salvação frente à realidade do mal: a contribuição do autor para a práxis antimal

Certamente o mal nos atinge antes como realidade existencial do que propriamente racional. Sendo assim, toda a reflexão somente terá sentido se nos ajudar a tomar posição frente a esta realidade vital, ajudando-nos a mobilizar as nossas forças a fim de combatermos o mal em suas múltiplas facetas e tirando-nos do imobilismo ou do desespero. Diante disso, vejamos o que a teologia de Torres Queiruga, a esta altura já ponderada pelo confronto, ainda que superficial, com outras visões, pode nos levar a uma atitude cristã frente ao problema do mal.

⁴²⁸ QUEIRUGA, A. T., *Esperança apesar do mal: a ressurreição como horizonte*, p. 88.

A teologia de Torres Queiruga nos lembra que a atitude divina revelada em Jesus Cristo, não deixa dúvidas: Deus é o antimal. Na “trans-história”, através de uma vitória definitiva pela ressurreição. Na história corrente, através de vitórias parciais e progressivas, antecipadoras da vitória final. E essa atitude divina deve aparecer como digna de fé na ação dos cristãos. Assim, estes devem empreender uma luta constante e sem tréguas contra o mal, pois:

Tudo o que se oponha à plenitude humana, desde a falta de pão até a de liberdade, desde a ausência de esperança até a escassez de moradia, desde o desconhecimento do evangelho até a falta de trabalho... tudo deve ser combatido, porque está no lugar oposto ao de Deus: contra Deus e contra o homem⁴²⁹.

Tal atitude cristã fica ainda mais ancorada se retomarmos a teologia da criação. Lembremos que Torres Queiruga defende uma superação do dualismo natural-sobrenatural, pelo qual a ação de Deus no mundo ocorreria como uma intervenção vinda de fora. “Com referência às criaturas, Deus não faz alguma coisa *ao lado* delas, para completá-las, nem *em seu lugar*, para supri-las (...) a ação de Deus nas criaturas é *fazer com que elas façam*”⁴³⁰.

Sendo assim, a ação de Deus no mundo, que é sempre uma ação transcendental, só pode se tornar visível no mundo através de uma ação imanente, ao mesmo tempo em que toda a ação categorial só acontece enquanto sustentada pela ação divina. Daí que a práxis cristã deve ser incansável na luta contra o mal, pois a ação humana contra aquilo que desumaniza o ser humano é ela mesma também uma ação capacitada e sustentada pela graça divina.

Assim, “não é causalidade que o amor ao próximo constitua o centro da fé cristã, o mandamento que vai além de todo mandamento”⁴³¹. Sobretudo, porque o ponto de partida da imagem cristã de Deus é o fato de que Deus é amor.

A teodiceia de Torres Queiruga pretende ser fiel a este postulado básico, que a crítica da modernidade, paradoxalmente, permite à teologia e à práxis religiosa recuperar em todo o seu esplendor, despojando-se do “lixo histórico” que, ao se acumular na vivência institucional concreta, acabou levando, como já vimos anteriormente, muitos contemporâneos a ver no Deus cristão exatamente o contrário, ou seja, a vê-lo “como proposta opressiva, hostil à vida e até provocadora de dissensões, perseguições e guerras”⁴³². Dessa forma, o nosso

⁴²⁹ QUEIRUGA, A. T., *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*, p. 153.

⁴³⁰ Id., *Recuperar a Criação: por uma religião humanizadora*, p. 127.

⁴³¹ Id., *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por uma nova imagem de Deus*, p. 255.

⁴³² Ibid., p. 112.

autor não resiste em afirmar que embora presente em muitas religiões e em muitos movimentos religiosos presentes dentro delas, “no cristianismo, o *princípio amor* adquire um primado indiscutível”⁴³³.

Aliás, a fim de aprofundar este aspecto, vale a pena abrir um parêntese. Já tivemos a oportunidade de nos referir, no capítulo 2, à “teologia das religiões” pela qual o autor reconhece o valor salvífico de todas as religiões, defendendo um verdadeiro pluralismo. Porém, o seu pluralismo não é um pluralismo indistinto, mas no seu mesmo dizer um “pluralismo assimétrico”, pois embora, Deus salve em todas as religiões e culturas, Queiruga não abre mão de dizer que a plenitude da revelação se dá em Cristo. E ele justifica essa sua visão do cristianismo como sendo “a relixió que xulgo mais integral no seu conxunto, e incluso como insuperábel dentro da historia”⁴³⁴, pelo fato de ser nela onde Deus, além de se apresentar com o caráter inequivocamente pessoal, apresenta-se também como aquele que cria livremente por amor, que “ama a súas criaturas com amor irrestrito e sen privilexios, ofrecéndolles cando fallan um perdón incondicional”⁴³⁵. Um Deus que entra na nossa vida para nos oferecer a salvação e para lutar ao nosso lado contra o mal. E que, além disso, nos convoca a nos acolhermos mutuamente no amor filial, incluindo-nos no dinamismo do seu amor e vendo o semelhante como um irmão ou irmã a quem devemos amar e servir⁴³⁶.

Tal visão grandiosa de Deus própria da mais genuína herança cristã, abre também uma visão grandiosa do ser humano, que afinal de contas é sempre visto pela revelação bíblica como “imagem e semelhança de Deus”. É por isso, aliado à sua teologia da criação já tantas vezes aludida, que Torres Queiruga pode afirmar que “Deus ‘acontece’ no amor”⁴³⁷, ou seja, “onde alguém ama, está tornando visível e operante a presença de Deus”⁴³⁸. Um amor ativo, que justamente por atuar rumo à comunhão, é força de realização, é dinamismo criador⁴³⁹.

⁴³³ QUEIRUGA, A. T., *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por uma nova imagem de Deus*, p. 110.

⁴³⁴ Id, Sentido e legitimidade do “pluralismo assimétrico”. Separata de: SOTER, *Religiões e Paz Mundial*, p. 168.

⁴³⁵ Ibid., p. 168.

⁴³⁶ Cf. Ibid. Pude presenciar pessoalmente um debate entre Torres Queiruga e Faustino Teixeira no 23º Congresso Internacional da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER – Belo Horizonte, 12 a 15 de julho de 2010). Diante da defesa de um pluralismo irrestrito feita por Faustino, Torres Queiruga defendeu o seu “pluralismo assimétrico” afirmando que se encontrasse uma religião que apresentasse uma imagem de Deus superior àquela apresentada pela fé cristã, seria obrigado intelectualmente a deixar o cristianismo e a aderir a esta outra proposta.

⁴³⁷ Id., *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por uma nova imagem de Deus*, p. 165.

⁴³⁸ Ibid.

⁴³⁹ Cf. Ibid., pp. 168-169.

A constatação da operatividade do amor divino no amor humano, como único caminho para a superação do mal, abre-nos para o tema das consequências sócio-históricas da fé cristã. A consciência moderna de que a sociedade é uma construção humana abriu caminho para a constatação de que o amor cristão, caso queira ser “*real e eficaz* não é possível se não for introduzido *também* por esses canais [sociopolíticos], menos visíveis, porém muito mais influentes na vida concreta dos homens e das mulheres”⁴⁴⁰. Qualquer pessoa que tenha sensibilidade e inteligência sabe que a melhor maneira de amar os desamparados, é ir além da simples visita ou assistência particular, mas também se organizando politicamente para garantir-lhes o direito à assistência social⁴⁴¹.

E dessa forma fica claro que a teodiceia apresentada por Queiruga, embora persiga o “rigor do conceito”, não pretende ser unicamente um exercício de intelectualismo, mas um instrumento a serviço do que realmente importa: o empenho dos seres humanos na luta contra aquilo que os impede de ser e viver em plenitude. Que a práxis está em primeiro lugar, não há a menor dúvida. Porém, o que o autor tenta demonstrar é que o empenho na luta pela superação do mal não implica o abandono da coerência lógica. Ao contrário, a busca desta coerência ajuda e sustenta a luta concreta, enquanto a supre de sentido e abre para ela caminhos de esperança.

Com isso, vemos que a teologia de Torres Queiruga, embora feita em contexto europeu e visando responder aos problemas próprios daquela cultura, pode também colaborar com a reflexão sobre a questão do mal e da salvação em contexto latino-americano. Isso porque um Deus que se revela como amor sem limites, que se empenha inteiramente na salvação de suas criaturas, garantindo-lhes a vitória sobre o mal na ressurreição e o apoio no esforço por vitórias parciais neste mundo em evolução, que cria o ser humano como co-criador, e portanto, como canal direto para a sua ação na história, contrasta frontalmente com aquela visão fatalista de uma certa religiosidade popular que se resigna diante das desigualdades sociais porque “é Deus quem quer assim”, como bem apontou em nossas terras a teologia da libertação.

Por outro lado, face ao individualismo pós-moderno, que começa a entrar efusivamente em nossa cultura, inclusive na religião, a teologia queiruguiana lembra que a superação do mal ocorre no esforço humano de ser pessoa, que

⁴⁴⁰ QUEIRUGA, A. T., *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por uma nova imagem de Deus*, p. 176.

⁴⁴¹ Cf. *Ibid.*

ao contrário de ser fechamento em si mesmo, é abertura, numa disponibilidade para uma relação íntima e profunda com Deus, mediada pela doação aos irmãos e pelo esforço de humanização das estruturas sociais.

Sendo assim, fica claro que a teodiceia de Torres Queiruga ajuda a superar posturas radicais e antagônicas que frequentemente podem ser verificadas na práxis cristã. Nem a resignação, pela qual não adianta lutar contra o mal, visto que ele jamais será vencido neste mundo; nem o ativismo, pelo qual se deve lutar o quanto possível para transformar este mundo, pois não há o que esperar para além dele. Superando estes extremos, a teodiceia de Torres Queiruga propõe uma postura equilibrada, que leva a uma práxis de luta contra o mal neste mundo, na esperança de que esta luta seja honrada por Deus na sua vitória final trazida pela ressurreição de Jesus.